
Livro-reportagem como forma de documentação histórica: análise da obra *Holocausto Brasileiro*¹

Mônica Andressa da Cruz²

Hélio Afonso Etges³

Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc), Santa Cruz do Sul, RS

Resumo

Tendo como base o método qualitativo, aliado à técnica de pesquisa bibliográfica e de entrevista semi-estruturada, este trabalho aborda os livros-reportagem e suas características de documentação histórica. Este estudo focou na maneira como este tipo de obra ajuda a construir e reconstruir informações e a tornar públicos dados e aspectos acerca de determinado acontecimento. Para isto, o objeto da pesquisa foi o livro-reportagem *Holocausto Brasileiro*, de autoria da jornalista Daniela Arbex, publicado em 2013, que aborda o genocídio de cerca de 60 mil pessoas no Hospital Psiquiátrico Colônia, em Barbacena, Minas Gerais, entre os anos de 1904 e 1980.

Palavras-chave

Livro-reportagem; Jornalismo; História; Documentação histórica; *Holocausto Brasileiro*.

1 INTRODUÇÃO

Jornalismo é uma forma de conhecimento que tem como foco principal noticiar acontecimentos atuais, imediatos, levando para o leitor o que ocorreu no dia anterior – quando se trata de jornalismo impresso. Porém, há ocasiões em que esse imediatismo é deixado de lado e a atenção do jornalista, bem como da empresa, se volta para um fato que ocorreu há algum tempo e que, por vezes, já foi noticiado. Ao escolher relatar um acontecimento antigo – para os padrões jornalísticos –, o profissional deve realizar uma pesquisa, buscando encontrar informações sobre esse fato e a forma como ele se deu.

Neste aspecto, a História torna-se uma aliada do jornalista por ter a função de registrar os acontecimentos e aspectos de determinado período histórico, a fim de resgatar e preservar o que foi vivenciado. Muitas vezes a quantidade de informação excede o espaço destinado para a publicação. A saída então são os livros-reportagem com a finalidade de resgatar dados e trazer novos aspectos da História. Mais de 50 anos depois da primeira reportagem sobre o Hospital Psiquiátrico Colônia, localizado em

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na DT 1 – Jornalismo do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2018.

² Graduada em Comunicação Social, habilitação Jornalismo, em 2017, pela Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc), RS, e-mail: moonicacruz@gmail.com.

³ Professor orientador. Professor na Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc), RS, e-mail: helioetges@yahoo.com.br.

Barbacena, Minas Gerais, produzida pela revista *O Cruzeiro*, em 1961, Daniela Arbex, repórter do Jornal *Tribuna de Minas*, traz o genocídio do Hospital Psiquiátrico, mais uma vez, para a vida da população brasileira.

A profissional decide falar do Colônia como também faz uma pesquisa acerca dos hospícios em Minas Gerais e no Brasil, para a mesma obra publicada em 2013. Dessa maneira, Arbex realiza novo resgate histórico e cria, através do livro- reportagem, documentos recentes sobre o assunto, uma vez que atualiza os fatos e dá voz para sobreviventes do Colônia, que, até então, não tinham sido ouvidos.

2 INTERSEÇÃO ENTRE JORNALISMO E HISTÓRIA

Para analisar a relação existente entre as áreas de Jornalismo⁴ e História⁵, é preciso fazer uma aproximação entre ambas. A respeito da conexão e do distanciamento das duas áreas, Barbosa e Ribeiro (2011, p. 10) destacam que “os atos comunicacionais, realizados no passado, chegam ao presente sob forma de indícios e vestígios significativos”. Para as autoras, são esses atos, vivenciados por homens em outros tempos, que os historiadores buscam recuperar.

Produzindo uma narrativa repleta de desejo de futuro, construída para permanecer e ser reutilizada, os jornais que descrevem aquele momento desejam ser arquivo de e para a história. É preciso considerar que o formato narrativo tem a pretensão de fixar o tempo, retirando do presente fatias as quais atribuem uma supra significação. O valor da história que possuem, isto é, reproduzem um sentido de história que é carregado de senso comum: narrar o presente é inseri-lo como verdade no tempo. (BARBOSA, 2016, p. 21).

São essas notícias, estampadas na primeira página, que acarretarão maior impacto para a vida das pessoas e permanecerão nas suas memórias. Neste aspecto, o tempo é um dos elementos que diferenciam as duas disciplinas. Enquanto o Jornalismo narra o presente, a atualidade, a História tem como foco o passado. Muitas vezes, a busca pelo passado, realizada pelos meios de comunicação, tem como objetivo atualizar algum fato seja por novas informações ou por completar tantos anos. Os veículos fazem uma retrospectiva, visando levar ao leitor o contexto histórico, fatos que já foram noticiados e, quando há, novas informações que busquem atualizar ou contextualizar

⁴ Por considerarmos, com base nos autores utilizados, Jornalismo como uma área do conhecimento, sua escrita será feita com a letra maiúscula.

⁵ Para diferenciar, usaremos História, em maiúsculo, quando nos referirmos a ela como disciplina ou área do conhecimento e história ao falarmos sobre narrativa.

mais o acontecimento. Sob este aspecto, Fontcuberta (1995) destaca que o episódio não tem o mesmo sentido para as duas áreas. “Sin embargo, el acontecimiento no tiene el mismo sentido para el historiador que para el periodista, ya que sus puntos de vista difieren: el primero busca una serie de hechos cuando el segundo espera encontrar el hecho único.” (p. 17-18)⁶.

O Jornalismo irá buscar novos aspectos, novos caminhos e, se necessário, histórias derivadas do fato principal, enquanto a História ficará restrita ao fato único, em todas as suas perspectivas, sem apanhar informações além daquilo para qual o historiador se propôs desde o início de sua investigação e pesquisa.

Historiadores voltavam-se à busca de informações contidas em documentos e arquivos que constituíssem, com a máxima fidelidade e objetividade científica, fatos do passado. Jornalistas centravam-se principalmente em depoimentos e em rápidos relatos ou reflexões de fatos contemporâneos, em textos produzidos especialmente para jornais e revistas, com o objetivo de levar ao leitor os fatos como eles ocorreram (no dia anterior). (RAVAZZOLO, 2012, p. 57-58).

Apesar dessa diferença na produção dos materiais de suas áreas, jornalistas e historiadores aproximam-se, tendo como objetivo a narração do fato.

Grosso modo, pode-se argumentar que esses dois profissionais têm a função de reunir o maior número possível de informações para alcançar com eficiência um objetivo: contar (e comunicar) uma história por escrito que esteja relacionada à realidade, a algo que aconteceu ou está acontecendo de fato. (RAVAZZOLO, 2012, p. 64).

São esses acontecimentos, contados de diferentes formas por essas duas áreas, que criam os registros e as documentações que os leitores e pesquisadores utilizarão para buscar informações sobre certo fato ou contexto, para confirmar dados e detalhes ou para resgatar e atualizar o que já havia sido escrito ou contado acerca do episódio.

2.1 Jornalismo e memória

Mais do que uma área do conhecimento, o Jornalismo tem o poder de exaltar determinados aspectos, fazendo com que eles sejam vistos com olhar de curiosidade e analisados com atenção por aqueles que estão lendo a informação. O jornalista busca no passado e no que foi noticiado, através de relatos, as informações que o ajudem a atualizar o contexto ou uma releitura para o que já ocupou as páginas de jornal. Em

⁶ Tradução: No entanto, o evento não tem o mesmo sentido para o historiador e para o jornalista, uma vez que seus pontos de vista diferem: o primeiro procura uma série de eventos quando o segundo espera encontrar o fato.

certas circunstâncias, isso é realizado com o intuito de resgatar e relembrar fatos. De acordo com Benetti e Siqueira (2015, p. 182), “outra potência do jornalismo é a de fazer memória, ao considerar a efemeridade dos acontecimentos sociais no tempo.” Tendo em mente que eles podem ser esquecidos e podem virar a notícia de ontem, o jornalista deve buscar e prezar pelo seu registro a fim de guardar os fatos e seus detalhes.

Para as autoras (2015), a narrativa é uma forma de resgate dos acontecimentos e o discurso jornalístico assume um lugar diferenciado neste aspecto. Essa memória é guardada através de publicações jornalísticas e tem seu enunciado alterado com o passar dos anos. Novas descobertas são feitas, novas informações são buscadas, outra análise é executada, acrescentando, assim, outros dados para algo que havia sido publicado.

As notícias são construídas não apenas para o presente, mas também para o futuro. [...] se produz textos para os leitores do presente e do futuro, incluídos nesse universo os que procurarão por informações sobre um passado próximo ou distante. Há ainda que se considerar que na temporalidade contemporânea, na qual no nosso entendimento há uma espécie de dilatação do presente, pontuando-o com uma multiplicidade infinita de agoras, os meios de comunicação se transformam em espécies de fiadores do momento histórico. (BARBOSA; RIBEIRO, 2011, p. 11).

Desta maneira, a memória e o jornalismo se entrelaçam ainda mais e criam relação conjunta, onde um auxilia o outro. O jornalista pesquisa, investiga, chega a um caminho e publica parte do que levantou, abordando questões, problematizando, apontando fatos e mostrando possíveis soluções. A memória, por sua vez, guarda todas essas informações, mistura-se com dados existentes e, com isso, se criam novos vínculos entre assuntos que, antes, podiam ser considerados distintos. Neste sentido, faz-se necessário conhecer o conceito de memória discursiva.

É a memória consolidada no texto e resultante de formulações já enunciadas em discursos anteriores, que se mesclam com discursos da atualidade, mediante repetições, transformações, apagamentos ou reiteraões do que tenha sido dito ou mostrado em épocas passadas. (PEREIRA, 2007, p. 72).

Essa memória gerará mais informações e maior aprofundamento por parte do jornalista, a partir do momento que ele decidir investigar ou resgatar determinado fato histórico. Para Félix (2004), com o passar dos anos, os acontecimentos podem apresentar novas dimensões porque o presente atualiza informações e detalhes sobre o passado. Além disso, “um segundo procedimento de relação com o passado decorre das

novas perguntas do presente possibilitadas pela descoberta de outras problemáticas a partir da localização de novos objetos historiográficos relevantes” (FÉLIX, 2004, p. 60).

Com isso, percebe-se que o Jornalismo e a memória possuem uma relação comum, onde um está inserido no outro. A memória usufrui do Jornalismo para se manter viva e em constante evolução, uma vez que os novos dados descobertos e lidos se juntam ao que já estava guardado, formando novas opiniões, desejos e certezas. O Jornalismo, por sua vez, precisa da memória para existir. É por meio de fatos relatados, através da história oral, e de lembranças guardadas e reavivadas em determinado momento, que o jornalista produz discursos e registra informações no papel, ou na tela.

2.2 História e memória

Assim como o Jornalismo, a História tem relação com a memória. Mas, ambas possuem suas distinções. Barbosa (2005, p. 107) destaca que “memória é experiência vivida, configurada pela dialética lembrança e esquecimento. A história, por um outro lado, é permanente desconstrução, operação intelectual que exige interpretações, análises, crítica”. Neste mesmo sentido, Félix (2004) descreve a memória como algo aberto e em permanente evolução e que se liga à repetição e à tradição; e a História como algo que faz perder a memória, constituindo-se apenas de representações do passado.

Bosi (2003, p. 90) define memória como “a faculdade épica da excelência e a história, como algo que deve reproduzir-se de geração a geração, gerar muitas outras, cujos fios se cruzem, prolongando o original”. Both (2002, p. 89) explica que “as relações históricas falam de lutas e ideias abstraídas da vivência; a memória, ao contrário, revela sua face concreta e vivida”. Ele considera a História mais informativa e a memória mais educativa. Para Veyne (1995), a História é filha da memória e é apenas a história que poderá falar sobre outros aspectos do homem.

Os homens nascem, comem e morrem, mas só a história pode informar-nos sobre suas guerras e seus impérios; eles são cruéis e banais, nem totalmente bons, nem totalmente maus; mas a história nos dirá se, numa determinada época, preferiram ter maior lucro por um tempo mais dilatado a se aposentarem depois de terem feito fortuna, e como percebiam e classificavam as cores, por exemplo. (VEYNE, 1995, p. 12).

Diante disso, percebe-se que a memória se faz necessária para a História, porque é a partir dela que os registros são feitos e que a documentação passa a ganhar maior

relevância. Com o passar dos anos, muitas informações se perdem e é por meio dos registros feito pela História, através do que as pessoas disseram, que a memória é reavivada e atualizada. A memória não consegue descrever ou representar de forma fiel os acontecimentos, em razão de esquecimentos ocorridos ao longo do tempo. É de extrema necessidade preservá-la e guardar todos os detalhes possíveis. Os historiadores cumprem grande papel ao procurarem, investigarem e localizarem fontes, informações e acervos que possibilitarão encontrar um número elevado de componentes que ajudam na conservação do passado, do presente e do futuro.

2.3 Documentação histórica

Os documentos possuem ligação direta com a História, devido à necessidade de usá-los como base para pesquisas, análises e possíveis descobertas ou aprimoramentos. De acordo com Feijó (1988), as informações escritas que são reunidas e colocadas juntas têm característica de documentação.

O conjunto dos documentos passa a constituir a documentação, com fins comerciais, industriais, jurídicos, escolares, etc. Partindo do conceito de documento, expresso pela União Francesa de Órgãos de Documentação: documento é toda a base do conhecimento fixado materialmente e suscetível de ser utilizado para consulta, estudo ou prova. (FEIJÓ, 1988, p. 24).

É com base nestes documentos que o historiador ou, em alguns casos, o jornalista, irá formular suas considerações e reunir os dados necessários para aprimorar pesquisa ou comprovar determinada tese ou hipótese. Em relação ao vínculo existente entre História e documentação, Ricouer (2007) salienta que para um historiador tudo pode ser ou se tornar documento. “Torna-se assim documento tudo o que pode ser interrogado por um historiador com a ideia de nele encontrar uma informação sobre o passado.” (RICOUER, 2007, p. 189). Sobre o que é documento histórico, Karnal e Tatsch (2009) destacam que pode ser uma ou mais folhas de papel, escrita por alguém importante. Para Bellotto (1991, p. 8), “um arquivo final, permanente ou histórico, é formado por papéis produzidos há mais de 25 ou 30 anos, portanto em idade histórica”. O historiador não analisa o documento, como algo só, mas dentro de um contexto.

Antes, utiliza-se como ponte ao passado, ou do arquivo à realidade. Esta passagem do documento ao passado é processo decisivo pelo qual se cumpre o essencial da elaboração do conhecimento histórico. No entanto, o documento reflete uma realidade; não a realidade concreta. É um discurso sobre a realidade. Ora, o historiador parte da ‘leitura’ da realidade passada, somando a isto a carga do presente

sobre si próprio, presente que em si já é resultado de sucessivas realidades que aconteceram desde o momento da produção do documento até a sua chegada às mãos de quem vai analisá-lo, usando instrumental analítico e crítico que lhe fornece sua formação profissional. (BELLOTTO, 1991, p. 177).

É essa leitura histórica, feita a partir de documentos produzidos muito tempo antes, que faz com que o historiador – e, também, o jornalista – consiga produzir novos materiais, novas hipóteses e, com isso, explique não somente o passado, mas, também, decisões tomadas no presente e que podem moldar o futuro.

3 LIVRO-REPORTAGEM COMO FORMA DE DOCUMENTO HISTÓRICO

As informações, notícias e histórias, em especial as jornalísticas, não se resumem apenas às páginas de jornal, revistas e meios eletrônicos. O material coletado pelo repórter pode ganhar mais espaço e transforma-se em livro. Nesta perspectiva, o livro-reportagem é um recurso de jornalistas e empresas que desejam continuar uma apuração, que traz à tona novos fatos a respeito de determinado assunto.

O livro-reportagem é um produto cultural contemporâneo bastante peculiar. De um lado, amplia o trabalho da imprensa cotidiana, como que concedendo uma espécie de sobrevida aos temas tratados pelos jornais e revistas. De outro, penetra em campos desprezados ou superficialmente tratados pelos veículos jornalísticos periódicos, recuperando para o leitor a gratificante aventura da viagem pelo conhecimento da contemporaneidade. (LIMA, 1993, p. 7).

Este tipo de obra amplia e dá tratamento diferenciado aos assuntos que são abordados nos veículos de comunicação e dão novo olhar para temas que foram pouco explorados. Brito e Nascimento Neto (2010) destacam que profissionais de perfil inovador, investem nos livros-reportagem pela diversidade de possibilidades que ele permite. Rocha e Xavier (2013) destacam que as ligações entre passado e presente integram as vivências do historiador e do jornalista. “O livro-reportagem, por sua vez, pode estar no meio dos dois interesses, é menos abrangente que o do historiador, mas mais amplo do que o do jornalista, pelo menos aquele dedicado ao noticiário.” (ROCHA; XAVIER, 2013, p. 145).

O livro-reportagem aborda questões do passado com foco em noticiar o ocorrido da maneira mais fiel possível. Conforme Lima (2009), é possível classificar os livros-reportagem em diferentes categorias, tendo em vista a linha temática e os modelos narrativos. Entre as categorias listadas, o livro-reportagem-história, que tem como foco

principal algum assunto do passado, é o que mais se aproxima de uma documentação histórica, bem como material onde existe maior interseção entre Jornalismo e História.

O tema, porém, tem em geral algum elemento que o conecta com o presente, dessa forma possibilitando um elo comum com o leitor atual. Esse elemento pode surgir de uma atualização artificial de um fato do passado ou por motivos mais variados. (LIMA, 2009, p. 51).

Neste tipo de livro, além de haver informações baseadas em documentos escritos durante o período dos respectivos acontecimentos, há atualizações sobre esses episódios que contribuem para a manutenção da sociedade, da História e do Jornalismo. Isso se deve, especialmente, aos profissionais da área do Jornalismo que, ao se basearem no que foi escrito e documentado, buscam novas informações a fim de atualizar os fatos.

4 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Este trabalho teve como objetivo geral a análise do livro-reportagem *Holocausto Brasileiro*, com o intuito de identificar características que pudessem verificar se é possível encontrar nele uma forma de documentação histórica. Para a realização desta pesquisa, foram utilizadas duas técnicas junto ao método qualitativo, visando responder seus objetivos propostos. As técnicas foram a pesquisa bibliográfica e entrevista semi-estruturada.

A análise qualitativa tem como principal objetivo trabalhar com os fatos – neste caso os publicados, em especial, no livro-reportagem – de forma a poder aprofundar o máximo possível a pesquisa. Diehl e Tatim (2004) destacam que os estudos qualitativos vão além de apenas descrever a complexidade de determinado problema. Para eles, a análise pode “contribuir no processo de mudança de dado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos.” (DIEHL; TATIM, 2004, p. 52).

A análise serviu não apenas para conhecermos a história e nos aprofundarmos em seu roteiro, mas para termos maior contato com os acontecimentos e com tudo que fez parte, durante muitos anos, da vida dos personagens descritos por Daniela Arbex. Isso porque, conforme Martinelli (1999, p. 26), “a pesquisa qualitativa nunca é feita apenas para o pesquisador, seu sentido é social, portanto deve retornar ao sujeito”. Para ajudar a compreender a interseção entre Jornalismo e História, também se fez necessário entender a pesquisa bibliográfica.

A pesquisa bibliográfica permitiu fazer e analisar a interseção entre as duas áreas do conhecimento, bem como possibilitou o entendimento do processo histórico que ocorria em determinado momento, fato que motivou a escrita do objeto empírico deste estudo. Isso se fez necessário para entender o contexto do livro e conseguir atingir os objetivos propostos. De acordo com Amaral (2007), a pesquisa bibliográfica é essencial, uma vez que dará todo embasamento teórico para a pesquisa. Conforme Cervo e Bervian (2002), ela explica um problema tendo como base as referências teóricas publicadas em documentos. Essa pesquisa pode ser realizada de forma independente ou como parte da pesquisa descritiva ou experimental.

Para compreender o livro-reportagem *Holocausto Brasileiro*, foi preciso entender todos os aspectos que o rodeavam, bem como seu processo de apuração e produção. A respeito da entrevista semiaberta, ou semi-estruturada, Duarte (2006) salienta que ela é o modelo de entrevista que tem por base um roteiro de questões que servem como guia para abranger todo o interesse da pesquisa. Conforme o autor, as perguntas devem ter como base o problema de pesquisa, visando abranger o tema.

Para Arnoldi e Rosa (2006), o questionamento, neste tipo de entrevista, pode ser considerado mais aprofundado. “As questões seguem uma formulação flexível, e a sequência e as minúcias ficam por conta do discurso dos sujeitos e da dinâmica que acontece naturalmente”, (2006, p.31). A intenção da entrevista foi coletar informações que pudessem complementar a pesquisa.

5 CONSTRUÇÃO E PRESERVAÇÃO DA HISTÓRIA: O GENOCÍDIO DO COLÔNIA NAS PÁGINAS DO LIVRO-REPORTAGEM

O livro-reportagem é um produto cultural, que tem como objetivo ampliar assuntos já divulgados na mídia ou abordar temas que foram pouco explorados, mas de uma maneira mais aprofundada, com riqueza de detalhes. De acordo com Lima (2009), é possível classificar o livro-reportagem em 13 tipos. Seguindo os critérios do autor, a obra *Holocausto Brasileiro* se enquadra como livro-reportagem-história, já que seu tema central está focado em um fato que já ocorreu.

Lima (2009, p. 51) ressalta que o tema do livro-reportagem-história tem algum aspecto que o traz e o conecta com o presente, “dessa forma possibilitando um elo comum com o leitor atual. Esse elemento pode surgir de uma atualização artificial de

um fato do passado ou por motivos mais variados.” Entre os motivos que levaram Daniela Arbex a escrever sobre o Hospital Psiquiátrico Colônia, primeiro nas páginas da *Tribuna de Minas* e, depois, ampliando para o livro- reportagem, conforme dito por ela em entrevista para esta pesquisa, estava a indignação junto com a curiosidade que a motivou a ir atrás dessa história.

5.1 Contar para não esquecer

Na obra de Daniela Arbex, *Holocausto Brasileiro*, é visível o cruzamento entre Jornalismo e História, e a forma como foi planejado pela autora. Nos 14 capítulos que compõem o livro, o leitor consegue perceber e compreender as informações de cada área, de forma isolada, e, também, quando esses dados foram unidos, para criar a interseção de ambas. Na entrevista realizada com Daniela Arbex, ela relatou que conheceu a história do Hospital Psiquiátrico Colônia em 2009, ao entrevistar um psiquiatra da cidade que já conhecia seu trabalho. Era preciso, então, resgatar essa história e fazer com que a população ficasse sabendo dos abusos cometidos dentro de um hospital psiquiátrico no Brasil. Conforme Nascimento (2012), a historiografia do século XX ampliou os métodos de pesquisa, ao considerar e valorizar todo registro humano como uma forma de documentação.

Os documentos, nessa perspectiva, são registros das ações humanas, seja de qualquer natureza: escritos, visuais, orais, monumentos; são datados e localizados em tempos e espaços específicos; expressam o contexto histórico de uma dada época, pois revelam e evidenciam sentimentos, costumes, valores, ideologias. (NASCIMENTO, 2012, p. 1).

Nesta perspectiva, o número de documentos disponíveis a respeito do Colônia e dos fatos ocorridos dentro de seus muros, era bem considerável. Conforme Lima (2009, p. 46), o que permite que o livro- reportagem volte para o passado e conte os acontecimentos que lá ocorreram, é a periodicidade, já que ela é “testemunho da história em fermentação, registro que tenta fazer o homem moderno não se esquecer do movimento incessante da existência. (...) O vazio do tempo, entre o presente e o passado histórico, é coberto pelo livro- reportagem.”

Arbex, em sua obra, utiliza, além dos depoimentos dos sobreviventes, funcionários e ex-funcionários, e dos demais envolvidos no genocídio do Colônia como as autoridades públicas e políticas, documentos encontrados na instituição e nos órgãos do Estado de Minas Gerais. A autora também trouxe de forma precisa a rotina e os acontecimentos de dentro do Hospital Psiquiátrico. Rocha e Xavier (2013) salientam

que não existe uma linha que delimita onde termina o Jornalismo e começa a História, ainda mais quando se entende que o livro-reportagem ajuda na construção e manutenção dos sentidos. Para os autores, a pesquisa e os documentos são fontes primordiais nas abordagens investigativas e, também, na produção deste tipo de livro. “Ao partir do pressuposto que o livro-reportagem trabalha com os procedimentos do jornalismo e trata de um fato ou fenômeno social, para construí-lo é necessário dispor de informações e subsídios concretos.” (ROCHA; XAVIER 2013, p. 149).

Ao contar determinado fato, tendo como base o testemunho dos sobreviventes – depois de confrontá-los com os registros já escritos –, Arbex criou uma narração mais emocionante, aproximando o leitor de todas as particularidades do Colônia, e oportunizando que ele conhecesse e se sentisse tocado por aqueles que conseguiram, apesar das sequelas, superar, aos poucos, os medos, sofrimentos e dificuldades que eram companhias diárias durante as décadas em que ficaram enclausurados no hospício.

5.2 Documentação para além das páginas do livro-reportagem

O livro-reportagem-história aborda acontecimento do passado, com o intuito de torná-lo conhecido do público e de fazer uma atualização dos fatos que já foram levantados sobre o assunto. Para que isto seja feito da forma mais completa possível, o jornalista busca dados na História. Segundo Benetti e Siqueira (2015, p. 168) “o jornalismo e a história são gêneros de discurso que contam as experiências dos sujeitos, os grandes e pequenos acontecimentos, a vida cotidiana, as relações que estruturam o poder e a vivência do homem em sua temporalidade.”

Essa aproximação com a área da História oportuniza maior aprendizado ao jornalista, haja vista que ele terá que aprender a pesquisar em documentos antigos e a fazer uma seleção mais criteriosa do que deve ou não ser utilizado. Conforme Rocha e Xavier (2013, p. 145), “as relações entre o passado e o presente fazem parte do horizonte do historiador e do jornalista.” Para as autoras (2013), o livro-reportagem seria o meio termo do interesse dessas duas áreas, já que abrange menos do que o historiador costuma pesquisar e amplia o que o jornalista está acostumado a produzir em sua rotina de redação.

Barbosa (2007) salienta que os fatos narrados pelo jornalista no presente são uma forma de retrospectiva, tendo como finalidade fazer com que o passado dure ainda

mais. “Comentando os fatos passados, o jornalismo retém esses mesmos fatos no presente, ainda que seja fundamental acrescentar nos textos marcas que distinguem a verdade da ficção: os documentos, por exemplo.” (BARBOSA, 2007, p. 54). Partindo desse pressuposto, as novas informações divulgadas por Arbex em *Holocausto Brasileiro* se configuram como uma atualização e uma documentação do genocídio ocorrido dentro do Colônia.

Arbex buscou criar uma narração que ultrapassasse o tempo onde ela está inserida e pudesse guiar o leitor para o futuro, fazendo com que ele imagine a história sendo contada e recontada década após década, sempre com o intuito de reavivar a memória das pessoas e para que os acontecimentos do Colônia e o genocídio de 60 mil pessoas não se repita de forma alguma. O livro-reportagem de Daniela Arbex contribui para que, no presente, se tenha uma melhor compreensão do que é doença mental e da forma como as pessoas consideradas anormais já foram tratadas no Brasil.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A narração de Arbex em *Holocausto Brasileiro* mescla elementos do Jornalismo, sua área de formação, com aspectos da História, campo que ela aprendeu a entender e a usar a seu favor nas reportagens e nos livros por ela escritos. Ao unir essas duas formas de conhecimento, a jornalista ampliou as possibilidades de divulgação do material por ela produzido. Durante a análise da obra, são perceptíveis as dúvidas e os incômodos da autora em relação a tudo que os pacientes passaram dentro do Hospital Psiquiátrico. Arbex também quis prestar, como jornalista, um papel social ao abordar questões relacionadas à falta de diagnóstico correto e com embasamento médico e como os tratamentos não eram realizados de maneira adequada, provocando graves sequelas.

Ao se compreender que documentação histórica é todo conjunto de informação, seja escrito ou visual, produzido por alguém que visa registrar e guardar informações, dados, características ou congelar momentos através de fotografias, é possível afirmar que *Holocausto Brasileiro* é uma forma de documentação histórica. Isso se deve pelas informações registradas na obra, desde o resgate de documentos já produzidos, que contam sobre a criação do Colônia, passando pelos métodos utilizados, em busca de

tratamentos e possíveis curas, no local; as fotos produzidas nas décadas de 60 e 70, que registraram inúmeros aspectos do descaso com os internos.

Arbex também quis dar voz aos sobreviventes que, até então, não haviam contado suas experiências e lembranças do Hospital Psiquiátrico. Ao mesclar a descrição de locais e de situações como número de mortos e venda de cadáveres, a jornalista faz com que o leitor reflita sobre os fatos e, com isso, crie suas interpretações do fato, com base em suas vivências. Entre as características que permitem considerar essa obra como uma forma de documentação histórica estão o fato de ela ter sido produzida com base em acontecimentos do passado, porém sob a luz do presente, o que permite o distanciamento ideal para que haja um estudo e entendimento de todos os ângulos desse genocídio e as informações já produzidas, que permitem uma maior aproximação com o período histórico relatado.

Ao optar por ampliar a história do Colônia, transformando-a em livro-reportagem, Daniela Arbex colaborou para que os fatos extrapolassem os portões da instituição e fossem reavivados na memória da população, fosse ela mineira ou de outro estado brasileiro. *Holocausto Brasileiro*, ao resgatar um episódio onde mais de 60 mil pessoas foram mortas, sem a menor condição de defesa, traz à tona a memória desse período e prova que é preciso escrever para não deixar fatos como esse esquecidos no passado. São esses testemunhos, resgatados pela jornalista, que ajudam a (re)criar a história e todos os elementos do Hospital Psiquiátrico e a contar não apenas a trajetória e as vitórias dos sobreviventes, mas, principalmente, daqueles que não conseguiram escapar e ultrapassar os portões da loucura e nunca puderam contar suas vivências.

REFERÊNCIAS

AMARAL, João J. F. *Como fazer uma pesquisa bibliográfica*. Disponível em <<http://200.17.137.109:8081/xiscanoe/courses-1/mentoring/tutoring/Como%20fazer%20pesquisa%20bibliografica.pdf>>. Acesso em: 25 maio 2017.

ARBEX, Daniela. *Holocausto Brasileiro*. 1. ed. São Paulo: Geração, 2013.

ARBEX, Daniela. O livro-reportagem *Holocausto Brasileiro* pode ser uma documentação histórica? Entrevistadora: CRUZ, Mônica da, 2017. 1 sonora (37 minutos e 35 segundos). Entrevista concedida ao Trabalho de Conclusão de Curso Livro-reportagem como forma de documentação história: uma análise da obra *Holocausto Brasileiro*.

- ARNOLDI, Marlene A. G. C.; ROSA, Maria Virginia de F. P. do C.. *A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para validação dos resultados*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- BARBOSA, Marialva C.; RIBEIRO, Ana Paula G. Comunicação e história: um entrelugar. In: _____. *Comunicação e História, partilhas teóricas*. Florianópolis: Insular, 2011.
- BARBOSA, Marialva. Entre o jornalismo e a história: A entrevista como articulação narrativa do tempo. In: MAUAD, Ana Maria (Org.). *História oral e mídia: memórias em movimento*. São Paulo: Letra e Voz, 2016. p. 11-26.
- BARBOSA, Marialva. Jornalismo e a construção de uma memória para a sua história. In: BRAGANÇA, Aníbal; MOREIRA, Sônia Virgínia (Org.). *Comunicação, acontecimento e memória*. São Paulo: Intercom, 2005. p. 107-109.
- BARBOSA, Marialva. *Meios de Comunicação e História: elos visíveis e invisíveis*. In: GT de Jornalismo no V Congresso Nacional de História da Mídia. Facasper e Ciee. São Paulo, 2007. Disponível em <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/5o-encontro-2007-1/Meios%20de%20Comunicacao%20e%20Historia%20elos%20visiveis%20e%20invisiveis.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2017.
- BELLOTTO, Heloísa Liberalli. *Arquivos permanentes: Tratamento documental*. São Paulo: Ed. T. A. Queiroz, 1991.
- BENETTI, Marcia; SIQUEIRA, Camila F. A fenomenologia da memória e o “homem capaz” do jornalismo. *Conexão – Comunicação e Cultura*, Caxias do Sul, v. 14, n. 28, jul./dez. 2015. p. 167-185. Disponível em <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/141492>>. Acesso em: 15 maio 2017.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade, lembranças de velho*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- BOTH, Agostinho. Memória, educação e velhice: O próximo a ser conhecido. In: TEDESCO, João Carlos. *Usos de memórias: Política, educação e identidade*. Passo Fundo: Ed. UPF, 2002.
- BRITO, Rosildo R. de; NASCIMENTO NETO, Fernandino R. do. *Livro-reportagem: uma análise da prática da grande reportagem nos Projetos Experimentais do curso de Jornalismo da Faculdade do Vale do Ipojuca (FAVIP)*. In: IX CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO (Intercom), 2010, Região Nordeste. p. 1-15. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2010/resumos/R23-0544-1.pdf>>. Acesso em: 27 abr. 2017.
- CERVO, Amado L.; BERVIAN, Pedro A. *Metodologia científica*. São Paulo: Prelice Hall, 2002.
- DELGADO, Lucília de Almeida Neves, *História oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2006.

- DIEHL, Astor A.; TATIM, Denise C.. *Pesquisa em ciências sociais aplicadas: métodos e técnicas*. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2004.
- DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. 2. ed. In: BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge (Org.). *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação*. São Paulo: Atlas, 2006.
- FEIJÓ, Virgílio de Mello. *Documentação e arquivo*. Porto Alegre: Sagra, 1988.
- FÉLIX, Loiva Otero. *História e memória, a problemática da pesquisa*. Passo Fundo: Ed. UPF, 2004.
- FONTCUBERTA, Mar de. *La noticia: pistas para percibir el mundo*. Barcelona: Ediciones Paidós, 1995.
- KARNAL, Leandro; TATSCH, Flavia G. Documento e história: A memória evanescente. In: LUCA, Tânia R. de; PINSKY, Carla B. (Org.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 9-28.
- LIMA, Edvaldo Pereira. *O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. São Paulo: Ed. Manole, 2009.
- LIMA, Edvaldo Pereira. *O que é livro-reportagem*. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- LUCA, Tânia R. de; PINSKY, Carla B. (Org.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.
- MARTINELLI, Maria Lúcia. O uso de abordagens qualitativas na pesquisa em serviço social. In: MARTINELLI, Maria Lúcia (Org.) *Pesquisa qualitativa, um instigante desafio*. São Paulo: Veras, 1999.
- NASCIMENTO, Jairo Carvalho do. *O uso de documentos e a construção do conhecimento histórico*, 2012. Disponível em <http://www.uesb.anpuhba/artigos/anpuh_III/jairo_carvalho.pdf>. Acesso em: 25 maio 2017.
- PEREIRA, Taís Assunção Curi. *Mídia & cultura, discursos que constroem memória*. São Paulo: Comunicar, 2007.
- RAVAZZOLO, Ângela. *A escrita da história por jornalistas: diálogos e distanciamentos com a historiografia acadêmica: O Caso Elio Gaspari*. 2012. Tese (Programa de Pós-Graduação em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2012. Disponível em <<http://lume.ufrgs.br/handle/10183/70683>>. Acesso em: 15 maio 2017.
- RICOUER, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora Unicamp, 2007.
- ROCHA, Paula Melani; XAVIER, Cintia. O livro-reportagem e suas especificidades no campo jornalístico. Revista Rumores, São Paulo, volume 7 | julho-dezembro 2013, p. 138-157. Disponível em <<http://revistas.usp.br/Rumores/article/viewFile/69434/72014>>. Acesso em: 19 maio 2017.
- VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*. 3. ed. Brasília: Ed. UnB, 1995.